

Metaficção historiográfica: uma tensão criativa entre a literatura e história

Maria Geralda de Miranda (UniSUAM e UNESA)

A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com os acontecimentos passados e a ficção se parece com a história. (Paul Ricoeur)

Quando pensamos na metaficção historiográfica, as palavras de Paul Ricoeur, citadas em epígrafe, adquirem mais sentido, uma vez que apontam para aquilo que a ficção e a história têm em comum que é o fato de as duas formas de composição discursiva serem elaboradas através da narrativa e se dirigirem a um leitor que acaba estabelecendo um pacto com aquele que está fazendo o relato.

Ricoeur diz ainda que “entrar em leitura é incluir no pacto entre o leitor e o autor a crença de que os acontecimentos relatados pela voz narrativa pertencem ao passado dessa voz”¹. Tal pacto, de fato, ganha relevância quando nos defrontamos com textos construídos a partir do entrelaçamento de um conjunto de outros textos, como o fazem os romances: *Partes de África*, do escritor português Helder Macedo, *Viva o povo brasileiro*, do romancista brasileiro João Ubaldo Ribeiro e *A Geração da utopia*, do autor angolano Pepetela. Tais romances, ao relerem o passado, acabam problematizando o presente

1. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III, 1997, p. 329.

do leitor. Este, então, precisa interagir e reagir aos sentidos propostos pelo texto.

Ricoeur também salienta que “podemos ler um livro de história como se fosse um romance”² e que “a ficção é quase história, tanto quanto a história é quase ficção”³. Ora, não resta dúvida de que o autor está-se referindo aos procedimentos de escritura dos dois gêneros textuais, mas é fato que as suas palavras nos levam a pensar nos conteúdos “históricos” dos três romances, aqui estudados. E aí, indiscutivelmente, os dois gêneros se embaralham bastante, pois os três romances utilizam como “matéria fabular” as histórias das nações a que pertencem os escritores que, ao fazerem uso de tal matéria, intertextualizando-a com dados da ficção e da memória, põem em discussão a questão da relativização da história. Assim, conforme indica Teresa Cristina Cerdeira, o discurso da história – que resolveu reservar para si a prerrogativa da verdade, porque assentado na *res factae* –, esse discurso só se pode hoje entender como uma construção que tem que pressupor um fosso temporal e material absolutamente intransponível, e o discurso, que antes sonhava em acordar o que foi, acaba por se erigir necessariamente em cima do que já não é. O discurso da História deixa assim de ser um templo de eternização do passado, para se instituir como dimensão criadora do futuro⁴.

2. Idem, p. 323.

3. Idem, p. 329.

4. CERDEIRA, Teresa Cristina Cerdeira. *O avesso do bordado*, 2000, p. 199.

A releitura que os três romances fazem do passado também sinaliza para essa dimensão criadora de que fala Cerdeira, porque não aponta para a nostalgia; muito pelo contrário, o que os autores fazem é repensar o passado e, isso, sempre que é feito, acaba beneficiando o presente e o futuro. Aliás, essa forma de retorno ao passado de maneira não nostálgica, própria da metaficção historiográfica é, conforme salienta Hutcheon, em sua *Poética do pós-modernismo*, uma das características dos textos pós-modernos.

Podemos dizer que o tempo de escrita de *Partes de África*, de Helder Macedo, é o de um Portugal do pós-guerras-coloniais e pós-salazarista. Mas no plano do enunciado o tempo se amplia, compreendendo o espaço-tempo de atuação do avô e do pai do narrador, em várias colônias africanas, como representantes do governo imperial. Ocorre que esse espaço-tempo vai sendo construído pelo leitor, pois, no romance, há vários textos dentro de um texto plural, que é alcançado não pelo ordenamento seqüencial, mas por um volume de sentido produzido na interação comunicativa entre autor e receptor. Através das “fragmentadas memórias” apresentadas pelo narrador-autor – é assim que ele se apresenta no texto – é que se vão desenhando o império e obviamente a sua decadência. Os mapas da África “com círculos e cores”, bem como os relatórios empilhados – que vêm à mente do autor quando este começa a escrever o seu livro – servem de matéria para o seu romance, urdido na tensão entre dados da história e da memória, em outras palavras, de uma “verdade” reelaborada pela ficção.

As três narrativas cobrem um amplo espectro temporal. *Viva o povo brasileiro*, apesar de cobrir das origens da nação brasileira aos finais dos anos 70 do século XX, centra a sua ação principalmente no Século XIX, marcado pela afirmação de um sentimento nacional que alimentou as lutas internas e externas⁵. À exceção do segundo capítulo que localiza a ação no século XVII – são as cenas lembradas pela personagem Dadinha – e dos dois últimos que contemplam os dois períodos de ditadura do século XX, todos os outros dezessete, num total de vinte, situam a ação no século XIX, abrangendo, como analisa Olivieri-Godet:

as lutas pela independência, o Império, a abolição da escravatura, a República, a guerra do Paraguai, a guerra dos Farrapos, a campanha contra Canudos, todos esses fatos são revistos a partir de um confronto entre o discurso da História e a versão popular, fundamentada na experiência de vida dos personagens. (OLIVIERI-GODET, 1993)

Em *A geração da utopia*, a efabulação se desenvolve em quatro momentos. “A casa” (1961), “A chana” (1972), “O polvo” (1982) e “O templo” (a partir de julho de 1991), mas o título do romance já de imediato nos fornece importantes pistas de leitura. Essa geração de que fala Pepetela possuía um discurso carregado de certezas, que era orientado por uma das leituras do marxismo e acreditava que as

5. OLIVIERI-GODET. Rita. Memória, história e ficção em *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro. *Université de Paris*, n. 8, p. 3. Disponível em <http://www..Geocities.com/ail_br/ail.html>. Acesso em 13/07/2003.

suas idéias e as suas ações seriam capazes de redimir os colonizados dos sofrimentos seculares impostos pelos colonizadores. Nesse aspecto, a Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi de fundamental importância, pois era lá que se sedimentava o ideário da utopia. No capítulo “A casa” (referência à CEI), narra-se o amadurecimento das idéias da utopia. No capítulo intitulado “A chana”, fala-se sobre a luta armada, a partir da performance de Vítor Ramos e em “O polvo”, representa-se o exílio de Sábio e suas críticas ferrenhas aos dirigentes da recente nação angolana. No capítulo denominado “O templo”, encenam-se os conchavos e as falcatruas realizadas por dirigentes, candongueiros e falsos líderes religiosos. A fundação da igreja de dominus que se constitui como “metáfora extremada” do poder absoluto do partido e dos dirigentes – que tem seguidores fanáticos titerizados – encerra o último capítulo da obra. A ortodoxia no plano político-ideológico e a corrupção dos que assumiram o poder, bem como as incertezas do narrador quanto às certezas anteriormente defendidas, pontuam o fim da utopia no último capítulo.

Os três romances, por causa dos imbricamentos intertextuais com a história, acabam relativizando também o conceito de herói, sobretudo clássico, uma vez que, ao relerem o passado de forma irônica, terminam por retirar a aura de muitos heróis consagrados pela historiografia oficial, sobretudo aqueles que são considerados mitos da formação da própria nacionalidade. Na verdade, a desconstrução do herói e a centralidade daquele que seria o anti-herói, nos

levam a pensar naquilo que Lyotard⁶ chama de a “decomposição dos grandes relatos”, ou como diz Laura Padilha, na decretação da “morte da ‘narrativa-mestra’ e, em consequência, dos mitos que a alimentavam”⁷.

Por tudo isso, a história da nação também perde a sua aura, ou o seu valor quase teológico, porque as “versões” propostas pelos romances retiram dela aquilo que Homi Bhabha chama de “identidades essencialistas.” Citando-o textualmente: “As contra-narrativas da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras – tanto quanto conceituais, perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas.”⁸. Como diria Boaventura de Sousa Santos, nas sociedades pós-coloniais, é quase impossível pensar a homogeneidade cultural, pois o processo colonizatório favoreceu a hibridade cultural e não a homogeneização. Assim, o próprio centro metropolitano acaba por se modificar, ao interagir com o mundo colonizado.

E assim cada autor, de uma maneira muito peculiar, procura reinterpretar o passado de sua nação, trazendo para o presente valores, cores, saberes e sabores, não constantes da historiografia. A partir do olhar de cada enunciador, percebe-se a heterogeneidade da nação, feita de muitos povos, de muitas culturas e, como se dá na

6. LYOTARD, Jean-François. O pós-moderno, apud PADILHA, Laura. *Novos pactos outra ficções*, 2002, p. 321.

7. PADILHA, Laura. *Novos pactos outra ficções*, 202, p. 321.

8. BHABHA, Homi. Op. cit., p. 211.

textura dos três romances, de muitas vozes. Tais vozes são reinterpretadas literariamente pelos escritores que, como os autores da História, só têm acesso ao passado através de fontes textualizadas. Assim, o que se lê nos romances aqui abordados é também uma possível “verdade”, reelaborada pela ficção.

As estratégias narratológicas adotadas pelo narrador-autor de *Partes de África* e a fragmentação do seu romance, sem dúvida, possuem também importantes significações, uma vez que, nas páginas do livro, se lê a fragmentação do império e a formação das novas nações africanas. A metanarratividade, que não é um expediente exclusivo da pós-modernidade, é também exercida com muita propriedade pelo escritor Helder Macedo, sobretudo por causa das lacunas do texto, o que obriga o enunciador, de algum modo, a informar o leitor acerca dos procedimentos discursivos adotados. Por ser um escritor afeito às metáforas, como ele mesmo declara, o seu mosaico de espelhos, que é o romance, articula as vozes da história de diversas maneiras, ou através de várias representações. E tudo isso questiona o conceito maniqueísta de verdade histórica, já que permite vários olhares sobre um mesmo assunto tratado na obra.

O romance *Viva o povo brasileiro* estampa a ambivalência da nação em suas páginas e a escolha da Bahia como espaço privilegiado do desenvolvimento das ações narrativas sinaliza para a composição multirracial do povo brasileiro. A antropofagia praticada pelo Caboclo Capiroba também reforça a idéia da não-homogeneidade. A encenação da prática oral de contar histórias é um resgate sem prece-

centes da cultura popular, componente importante da nação moderna. A mistura de elementos místicos da cultura africana com elementos da cultura ocidental cristã, considerada erudita, como no episódio da guerra do Paraguai, só demonstra que, no espaço da metaficção, se permite articular todos os dados conhecidos. A metaficção se constitui mesmo como espaço de negociação das diferenças culturais nas nacionalidades modernas.

A obra de Pepetela, *A geração da utopia*, apesar de parecer encenar o fim da utopia, aquela para a qual os militantes da Casa dos Estudantes do Império se mobilizaram, não deixa morrer a possibilidade de crença no “bom lugar” de que fala Thomas More. Não resta dúvida, contudo, de que a idéia de um governo comprometido com a causa revolucionária naufraga no romance. A falência deste projeto é encenada através de quatro metáforas, sendo que a última, “O templo”, constitui-se na capitulação final daquilo que era o projeto da “geração da utopia.” A igreja de dominus simboliza o fim de muitos valores, regidos por outras certezas, mas também, por outro lado, estampa a falta de parâmetros daqueles que são conduzidos pelo dinheiro. Aliás, é com ele, ou através dele, que se tem acesso ao “Deus” mercado, como parece querer dizer a mensagem final da narrativa.

As vozes da história sofrem uma corrosão importante nos três romances. A ironia é uma importante “arma” utilizada pelos três escritores. É através dela que se rasuram as “verdades” instituídas pelos registros históricos. Como contar os desmandos do Barão de

Pirapuama e do Governador Gomes Leal senão através da corrosão irônica? Como construir a metáfora de “O templo”, sem o viés da ironia? Trata-se, na verdade, da utilização da paródia, processo de intertextualidade, pelo qual os escritores lêem as vozes da história, atualizando-as no momento presente. É pelo mergulho crítico no passado das três nações, relidas nas páginas dos romances que podemos dizer que as histórias contadas pelos três escritores reinterpretam o vivido e estão totalmente entrelaçadas, mostrando que neste momento histórico em que as certezas de outrora são questionadas e até mesmo as nações perdem os seus contornos simbólicos, a reinterpretação do vivido, pela tensão criativa da metaficção historiográfica, pode de fato contribuir com o momento presente, já que a releitura deste passado, pelo fato de não ser pacífica pode intervir no presente e até mesmo no futuro.

Referências Bibliográficas:

- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 1986.
- CERDEIRA, Teresa Cristina (Org.). A experiência das fronteiras. Niterói: EDUFF, 2002.
- _____. O avesso do bordado. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo. História, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- _____. Linda. Narcissistic narrative: the metafictional paradox. New York: Methuen, 1984.
- MACEDO, Helder. Partes de África. São Paulo: Record, 1999.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Memória, história e ficção em Viva o povo brasileiro de João Ubaldo Ribeiro. Université de Paris, s/d, no. 8. Disponível em <<http://www.geocities.com/ail.br/ail.html>>. Acesso: 13/07/03.
- PADILHA, Laura Cavalcante. Novos pactos, outras ficções. Porto Alegre: EDPUC RS, 2002.
- CERDEIRA, Teresa Cristina (Org.). Niterói: EDUFF, 2002.
- PEPETELA. [PESTANA, Artur Carlos Maurício]. A geração da utopia. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Souza. (Org.) Entre ser e estar. Porto: Afrontamento, 2002.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RIBEIRO, Margarida Calafate. “Partes de nós; uma leitura de Partes de África”. **In:** A experiência das fronteiras. CERDEIRA, Teresa Cristina (Org.). Niterói, EDUFF, 2002. p. 61-74.

RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Tomos II e III. Campinas: Papyrus, 1997.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”. **In:** Entre ser e estar.

RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, Antonio Sousa (Orgs.). Porto: Afrontamento, 2002.

_____. Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade. Porto: Afrontamento, 1996.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.